

# a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:  
P. JOULIO HILARIO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, Interinas, Residência Paroquial — Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga  
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:  
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00  
ANO XI

Melgaço 1 de Agosto de 1956

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
N.º 124

## UM GRANDE MELGACENSE!

Ainda se não apagaram nas nossas almas magoadas e doridas os ecos daquela horrorosa tragédia de Espanha, quando alguns portugueses que seguiam para França, infelizmente emigrantes clandestinos, caíram mortos para sempre... e acabamos de receber uma carta de um grande melgacense, que nos diz arranjar trabalho numa fábrica daquele país a vários compatriotas.

Atendendo à defesa que o nosso jornal tem feito de emigrantes portugueses, convidamos este bom amigo a levar ao conhecimento dos interessados este seu desejo patriótico! E diz-nos que tem urgência.

Quer dizer: — um melgacense que, longe da sua terra, pensa nesta abençoada gente. — Bem hajam, amigo Merim. Os rapazes da nossa terra saudam-te.

Os trâmites a seguir, para fazer chegar a França trabalhadores de Portugal são estes: — Apresentar nos consulados de Portugal pela entidade responsável, a lista dos trabalhadores precisos. Dos consulados, virão as chamadas para a Junta de Emigração do nosso país, e dali para as nossas Câmaras. E' este um dos meios, supomos nós.

Meu querido Amigo, não deixes perder essa magnífica oportunidade de dares a mão aos nossos compatriotas, conduzindo-os a um nível de vida mais alto.

Chama-se a isso trabalhar pela terra, pelo seu progresso.

E que os nossos compatriotas que trabalham em França não animem ninguém a sair ilegalmente, clandestinamente. Não!

O sangue daqueles portugueses, caídos, longe das suas terras, quando procuravam pão, é o doloroso grito do emigrante clandestino.

— Mas que belo coração o teu!

## POR SANTA RITA

A nossa ida a França... Mas acreditem que custa a gente desprender-se destas coisas e partir. E' uma viagem relativamente pequena, com a duração de uns 30 dias, mas custa deixar estas coisas que todos nós aqui vamos erguendo...

Já temos recebido saudades de França, dos nossos bons rapazes. Alguns já pediram que passasse pelas suas terras de trabalho. Os nossos rapazes! — Pois já não falta um mês!

E daqui, desta boa gente daqui, também há boas notícias.

O Sr. José Manuel Lourenço dos Pêreses deu-nos 50\$00. Do Brasil chegaram mais 100\$00, da sr.ª D. Isolina Cerdeira, da Vila. Todos os anos aqui aparece a sua oferta e como vemos, também é das que não tem medo ao Cruzeiro. Da França, de um mundo, que para lá partiu, há pouco, o Augusto Cândido Esteves, da Rasa, os seus primeiros 50\$00.

O Juiz da festa de Santa Rita, sr. Agostinho Lourenço, veio en-

tregar mais 358\$50. Como dá gosto trabalhar com esta gente.

E da França, mais dinheiro: Germano de Sousa, do Sobral é pobre. Teve muitas despesas, antes de partir, há meses, para aquela terra. Pois já mandou os seus primeiros 230\$00! Abençoada gente a da nossa terra! Manuel Caldas é nosso vizinho, de um lugar aqui junto, da freguesia de S. Paio. E' um grande amigo, e trabalhador. Várias vezes o encontramos com o seu pároco, como gostamos de o ver junto do seu pastor! Pois o nosso querido amigo, sr. Caldas, mandou-nos já os primeiros mil francos. E do sr. Armando, digno regente, de Chaviães, mais 20\$00; O sr. Armando já tem neste abençoado «banco» muitos depósitos.

Bendito seja Deus!

Há uns 8 anos, não era assim. E como foi que toda a gente desta nossa terra começou a amar a viver esta obra?

Bendito seja Deus! E Santa Rita nos ajude a todos.

Em 2 de Agosto de 1858; faleceu, na Vila, António Máximo Gomes de Abreu, primeiro juiz ordinário eleito do julgado de Melgaço, nos anos de 1833 a 1844, administrador do concelho, etc. Era filho do escrivão do público, judicial e notas do termo de Melgaço, Tomás José Gomes de Abreu; logo, portanto, tio do grande melgacense que em vida se chamou José Cândido Gomes de Abreu, fundador do Hospital da Misericórdia. No cargo de juiz ordinário; lhe sucedeu, internamente, o visavô do sr. Herculano Arsénio Gomes Pinheiro, Manuel Inácio Gomes Pinheiro, do Barral, e a este José Albano d'Abreu Cunha Araújo, da Casa do Rio do Porto. — (Ver Organização Judicial de Melgaço; Pág. 181)

Em 4 de Agosto de 1718, na Matriz da Vila de Melgaço e em presença do seu Abade, rev. João Dias dos Santos, tomaram conta da Confraria do SS. Sacramento os oficiais Jerónimo Ribeiro Alves, o sargento Manuel Pinto e o artilheiro António Gomes, respectivamente, juiz e mordomos.

Em 5 de Agosto de 1641, os portugueses, tendo entrado por Porto dos Cavaleiros — Porteiro, nas proximidades de Alcaboga — surpreenderam e derrotaram a hoste do capitão D. Diogo de Mendoza, em número de 6.500 infantes, bem providos e municiados, carregando seguidamente sobre Monte Redondo que saquearam e incendiaram.

Em 7 de Agosto de 1893, pelas 11 horas, à porta do tribunal judicial de Melgaço; por inventário orfanológico, se procedeu à arrematação de todos os bens deixados por Domingos José Pires, negociante que foi da Vila de Castro Laboreiro, cujo casal estava encabeçado em Maria Joaquina Monteiro. Julgou esta causa o juiz dr. Francisco Augusto Mendes de Alcantara que teve como escrivão o monçanense Miguel Augusto Ferreira.

## EFEMÉRIDES

Em 8 de Agosto de 1810, foi promovido a capitão para a 6.ª Companhia de Granadeiros, Carlos João de Araújo Azevedo, da Casa de Soengas.

Em 9 de Agosto de 1849, morreu, em S. Julião, o boticário deste lugar, João Manuel Torres de Araújo, filho do escrivão de um dos officios dos órfãos da Vila e seu termo, António Xavier Torres Salgado, e de sua mulher, D. Gaspara Joaquina Podré de Araújo.

Em 9 de Agosto de 1912;

sob o comando do 2.º tenente Capelo, retirou para Lisboa uma força de marinheiros que aqui havia sido chamada por motivo das «ronchas» que apuniguados de Paiva Couceiro vinham fazendo um pouco por toda a fronteira.

E em 15 de Agosto de 1757, foi aposentado o médico do partido dr. Francisco Damião Noqueira. Pouco havia de gozar os benefícios da reforma; já que faleceu em (1762, precisamente um lustre após a sua aposentação.

Mirão

## Uma visita...

Em dia de S. Marinha fomos de abalada até à nossa terra, levados pela data — 18 de Julho — e a festividade local, em Rouças.

Faz bem, de vez em quando, regressar ao pátrio lar, a fim de matar saudades e ver o que se vai realizando.

Como aqui dissemos, há pouco, a nossa terra é pequena e pobre, motivo por que se devem acarinhar todas as iniciativas.

O Sr. Abade de Fiães, ilustre vogal da Câmara chamamos a atenção:

— Olhe para isto.

— O quê?

— Este talho moderno, com os requisitos indispensáveis para bem servir a nossa terra.

A Câmara tem orgulho em ter feito quanto pode para facilitar esta iniciativa, que só beneficia a nossa terra.

Seguiu-se uma visita às instalações: limpo, higienico e asseado.

Diz-nos o Sr. Faro:

— Vai tudo. Tenho matado quantidades razoáveis e vende-se.

Há dias, encontrei o Sr. Artur Teixeira numa cidade do Norte do País.

— Novidades?

— Já se come lá na nossa terra melhor carne e mais barata.

Não precisa de mais encómios o realizador do novo Talho em Melgaço.

Bem haja.

A seguir levaram-me ao novo café, o dos «Caçadores». Os empregados já conheciam a «freguesia».

Conversa animada, umas cervejas, é uma visita à sala: limpa, bem mobilada.

Em frente o simpático edifício dos C.T.T.

De tudo isto me ficou uma impressão nova e arejada: a nossa gente subiu visivelmente de nível cívico, pois exige, embora sem luxo, o indispensável à sua vida.

E' esta educação cívica que nos dá a ideia exacta do progresso de um povo.

X:

# Da Vila

Julho, 26.

COISAS QUE DESAPARECEM...

XI

OS VELHOS CANDEEIROS

Não são os velhos candeeiros de petróleo com que a Municipalidade da presidência de José Cândido Gomes de Abreu, salvo erro, em 1885, dotou a Vila de Melgaço que vamos evocar, não — que esses já não são do nosso tempo — mas aos seus sucessores de acitilene, saudosos trastes que tanto arranjo fariam se ainda estivessem de reserva para suprir as contínuas faltas da irritante iluminação *electro... tétrica* que por mal de nossos pecados nos vêm daqueles lados, donde — no dizer desse grande Mestre que é o povo — “nunca veio bom vento nem bom casamento”.

Ora... a iluminação pública por meio de acitilene, como tantos outros melhoramentos daquela época, foi concebida e veio à luz... perdão, e veio às trevas do burgo melgacense por obra e graça das rivalidades existentes entre os velhos partidos progressista e regenerador — únicos que então davam as cartas na terra. Em poucas palavras se conta a sua história.

Em 1908, a Câmara cessante do progressista e vice-presidente em exercício Francisco Pires — pelos regeneradores, sobrenomeado *El Cura de la Grova*... — teve conhecimento de que a nova comissão municipal, constituída pelos regeneradores João Pires Teixeira, rev. Manuel Bento Gomes, João Eugénio da Costa Lucena e Francisco António Esteves, respectivamente, presidente e vereadores; tinha em seu plano de actividade dotar a Vila com uma iluminação mais brilhante por meio de acitilene, apressou-se e pô-lo em prática antes de terminar as suas funções, só para que à nova Câmara não coubesse a honra de tal melhoramento... Do fabrico dos pequenos gasómetros foi incumbido o funileiro João Baptista Reis, um dos mais hábeis em Portugal nesta indústria, inventor do célebre sistema “*Sem Rival*” — sistema que chegou a transpor as fronteiras do País; e o encarregado de acender ganhava então 200 reis diários; como, porém, o novo processo era mais trabalhoso, a Câmara, em sua reunião de 8 de Janeiro, subiu-lhe o ordenado para 250 reis, isto é, mais meio tostão. E eis em síntese, prezado leitor, como em 2 de Janeiro do ano da graça de 1909, já com os regeneradores alcandorados no cesto da gávea da nau concelhia, os fincolas da Vila e seus subúrbios, com grande regosijo e não menor entusiasmo, assistiam à inauguração dos falados candeeiros de acitilene.

Eram em número de 32 os velhos lampiões que iluminavam a Vila de Melgaço no tempo em que eramos menino e moço, os quais estavam criteriosamente distribuídos pelos locais onde se julgou serem mais precisos, não esquecendo a fatídica curva da ponte do Pombal que já naquele tempo era a sombra negra dos estradistas. Os seus suportes eram em ferro de fundição, com lindos motivos volutados, e o fecho das respectivas caixas reverbericas semelhante a um prisma quadrangular, mais estreito na base, recoberto por um chapéu em forma de pirâmide, donde sobressaia gracioso resfolgatório circular — lampiões estes que anteriormente haviam servido para a iluminação a petróleo.

A arrecadação era um barraco improvisado sob o também improvisado gabinete judicial, espécie de gaiola anichada na arcaria da velha *Domus Municipalis*.

O Renovato Alves — o encarregado de acender — sempre muito zangaralhão, dando a impressão de desconjuntar-se dum momento para o outro, lá ia buscar a escada e os competentes apetrechos de acender. Era vê-lo: trançalhadanças, com suas pernas cambaias, mais tortas do que cepas, a caminhar placidamente de escada ao ombro, regador na mão e o tabuleiro dos gasómetros enfiado no braço. Chegado junto de cada candeeiro, encostava a escada; subia com toda a fleuma; abria a portinhola; retirava o gasómetro; descia tal como havia subido; descerrava a câmara de combustão; dava as sacramentais pancadinhas nas pedras da calçada, para bem a esvasiar; punha nova carga de carboneto; tornava a cerrar; mergulhava o tambor no depósito de água, cheio do regador; espavitava o

(Continua na 3.ª página)

## Necrologia

JUIZ CONSELHEIRO DR. MANUEL GOMES MALGUEIRO

Com 70 anos, faleceu, no pretérito dia 6, em sua casa de Avar-g-Mar, Póvoa de Varzim, o Ex.mo Sr. Dr. Manuel Gomes Malgueliro, integérrimo juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, irmão da Ex.ma Sr. D. Laurinda Gomes Malgueliro Calafate e do sr. Jesuino Gomes Malgueliro e pai amantíssimo do Ex.mo Sr. Dr. Alberto Senra Malgueliro, meretíssimo juiz de Direito da comarca de Melgaço, a quem, bem como a toda a demais família enlutada, «A Voz de Melgaço» apresenta os seus mais sentidos pésames.

D. MAXIMIANA VAZ RA-NHADA

Após prolongado sofrimento, também faleceu, em Viana do Castelo, em 16 do corrente mês, a virtuosa Senhora D. Maximiana Vaz Ranhada, de 53 anos, esposa do nosso querido amigo sr. José Guerreiro Ranhada; mãe da sra. d.ª D. Maria Judite Ranhada (Monteiro, casada com o sr. Aureliano de Sousa Monteiro, ausentes e dos srs. Henrique e Gilberto Guerreiro Ranhada, e irmã das sras. D. Maria Aurélia Vaz Pinheiro, D. Amélia de Jesus Vaz, D. Ludovina Vaz Midões, D. Isabel Vaz, D. Alice Vaz Moreira, D. Isaura Vaz, e D. Vitória Vaz e do sr. Manuel José Vaz.

A chorada extinta, que era a bondade personificada, era oriunda da Casa da Fontinha deste concelho, pelo que o seu falecimento causou aqui profunda consternação. Em sufrágio de sua alma, sua família mandou distribuir pelos estabelecimentos de assistência de Viana do Castelo, a seguir indicados, as seguintes esmolas:

Caridade, 500\$00; Orfanato e Infância Desvalida, 300\$00 a cada; e Meninas Orfãs, 200\$00.

A toda a família enlutada, «A Voz de Melgaço» apresenta o seu cartão de condolências.

## SOCIEDADE

Fazem anos: — amanhã as meninas Maria Beatriz Lopes de Sousa Cardoso e Maria José Ferreira Garça e o rev. José Alberto Gomes de Sousa; no dia 5 a menina Amélia da Conceição Esteves e o sr. Manuel Joaquim Dias de Figueiredo; no dia 6 a sra. D. Maria Adalina Trancoso Bermudes e os srs. António Valdemar Caldas e José Joaquim Domingues (Ferreiro); no dia 7 a sra. D. Palmira de Jesus Vaz Alves; no dia 8 as sras. D. Beatriz da Assunção

## Rouças, 26

Pois é verdade. Cá chegaram os primeiros veículos motorizados, um na véspera de S. Marinha, outros, no dia. Foi um sucesso, imaginem, automóveis no largo da igreja de Rouças...

O primeiro cucciolo foi o do José Fernandes, Corções, dias antes; a primeira moça, de Lisboa, no dia 18; a primeira furgoneta, do sr. Marinho, da vila; não sabemos qual foi o primeiro carro...

O nosso amigo Vaz, leu neste jornal a noticia da abertura da estrada e voou até cá, desde Trás-os-Montes, das barragens, no seu magnífico carro. Veio com sua esposa e filhinhos. E já foi difícil acomodarem-se por aqui os carros. Vantagem de uma estrada. Também veio um carro, de Braga. — Pois o primeiro grupo de homens, da estrada, na semana que vem, já estará a trabalhar na capelinha do Preto. Como veem isto segue com rapidez.

Pinto da Silva e D. Maria do Prazeres Soares; no dia 11 a sra. D. Maria Madalena Gomes de Sousa e o menino José Augusto Moraes Esteves; no dia 12 a menina Maria Fernandes Afonso e o sr. João Rodrigues de Sousa; no dia 13 a sra. D. Iracema de Almeida e Sousa e o menino António de Jesus Fernandes Pereira; no dia 14 a menina Ana Julieta da Costa Alves e o sr. Amândio Francisco de Sousa e Castro; e no dia 15 a sra. D. Maria Adelaide Salgado Soares.

Notas festivas — Chegadas da África portuguesa, estão nos Espargues o sr. Hermenegildo da Mota Solheiro e sua gentil esposa.

— Também com sua estremecida esposa e filhos está em Galvão o nosso estimado amigo e assinante sr. Arlindo Cândido Pinto, muito digno chefe da estação eléctrica do Ameal.

— Vimos, há dias, de passagem por esta vila, o Ex.mo Sr. Eng. Alberto dos Reis Faria, muito digno Governador Civil do nosso distrito.

— Nos primeiros dias de Agosto, é aqui esperado, vindo da França, o nosso presado amigo sr. Joaquim Infácio Júnior, que se fará acompanhar de sua irmã, sra. D. Maria das Dores Merrim e de dois filhos.

— Vinda da Póvoa de Varzim, em cujo Colégio do S. S. Coração de Jesus concluiu com brilho o sexto ano, encontra-se nesta Vila em gozo de merecidas férias; a gentil menina Maria Cândida da Cunha Esteves.

— Interinamente, passou a desempenhar as funções de chefe da secção de processos na secretaria Judicial do tribunal; desta comarca; o nosso estimado amigo sr. António José Machado Duarte.

Há dias, deu-se aqui um caso que pode ser fatal. Ao rebeantar um tiro da pedreira no Prado da sra. Teresa Lourenço, no Calvário, uma pedra de uns dez quilos, subiu muito alto e foi cair em Surribas (na casa do sr. Augusto Rodrigues). Passou pelo telhado, desceu ao quarto, onde se encontravam duas crianças a dormir e foi até a nega partir um garrafinho. Foi só o que houve.

— Parece estar para breve o casamento do Manuel Domingues de Carvalho, da Rata com a menina Benezinda, da Eira.

Para Viana, retirou o nosso estimado amigo, Manuel Infácio Durães, digno agente da P.S.P., naquela cidade.

— Foi baptizada no dia 18, uma menina, filha de Manuel Domingues e de Puresa de Araújo, da Eira.

Também esteve cá, no Crasto; a sra. Gracinda, que veio de Lisboa, passar uns dias.

Esteve alguns dias entre nós, tendo já retirado para o Porto, o nosso amigo, Arlindo Alves; digno Guarda-Fiscal.

Para Várzea; em Soajo, foi transferido do Porto, o nosso amigo, José Esteves, digno Guarda-Fiscal.

A comissão das festas de Santa Marinha houve-se muito bem. Tudo correu na melhor ordem e entregou de sobras para a igreja, 135\$80. — Trabalharam muito e bem. Parabéns.

## S. Paio, 23

Na Matriz paroquial realizaram-se em 17-6, a festividade em honra de N. Sra. de Fátima sendo abremantada pelos B. V. M.: Casa Ponte de Viana e distinto orador sagrado; em 22-7, a do Senhor, com grandiosa assistência e máximo respeito.

— Também, na sua ermidinha, teve lugar, no pretérito dia 8, a festividade em honra do magistro apóstolo Santo André. Foi orador o rev. do Pe Carlos Vaz, zeloso arcipreste concelhio. Abremantou a banda dos Bombeiros Voluntários de Melgaço e a Capelão do sr. Reinales.

— Realizaram-se os exames do E. P. E., tendo obtido aprovação todos os alunos propostos.

— O edificio escolar desta freguesia já se encontra com o mobiliário necessário às funções docentes.

— Em homenagem a sua querida madrinha e com a assistência de várias dezenas de amigos, realizou-se, em 8 do corrente, ao ar livre, no lugar do Pombal, oferecido pelos seus estimados afilhados, srs. Joaquim Domingues e Ex.ma esposa D. Joaquina Araújo Domingues, um grandioso banquette, que terminou com saudações brindantes. Aos promotores e presada Madrinha as nossas felicitações. — C.

## Da Vila

(Continuação da 2.ª página)

bico pelos processos mais comuns de aspirar com a boca; chegava-lhe um "lume-pronto" e, finalmente, lá ia repor o gasómetro no lampião, após o que — depois de trocar dois dedos de cavaco, se tivesse com quem — passava a outro, até dar a volta a todos. Valha a verdade, este processo era algo moroso no acender, mas... mas era de efeitos garantidos.

Nada de confusões. Não somos um "bota de elástico", nem tão pouco um rabugento "Velho do Rastelo" com ideias retrógradadas, mas... mas, ao escrevermos estas linhas, não podemos deixar de recordar com viva saudade a luz dos nossos velhos candeieiros de acitilene — luz que alumia e não enganava o transeunte como ora sucede com a actual iluminação *electro... tétrica* que a cada passo porfia em nos desafiar para o jogo da "cabra-cega".

\* \* \*

"Talho Moderno" — Foi no pretérito dia 14 que, na Praça da República, abriu ao público o novo talho-salsicharia do nosso amigo sr. António de Faro, modelar estabelecimento que, no dizer dum senhora lisboeta, que aqui se acha em veraneio, "em questão de higiene, em Lisboa não há melhor".

Como era de esperar, o nosso público recebeu muitíssimo bem a abertura do novo talho; e, assim, tal como, em igual dia e mês de 1789, os parisienses se atiraram à Bastilha, os melgaçenses o assediaram, a pontos de três cortadores não terem tido mãos a medir, como se diz — se.

O tempo e a agricultura — Em 13 e 14, choveu e choveu bem. Agora o tempo decorre soberbo. Ou nos enganamos muito ou este ano as adegas e os celeiros vão ficar a abarrotar... Oxalá assim seja.

— Aos interessados, lembramos que em Agosto podem semear: — aipo, alfices (próprias da época), beterraba para salada, cenouras, conves diversas (especialmente repolhos), espinafres de grão áspero, nabos, rabanetes e salsa. Também se semeia: — erva-molar, sanfeno, sorgo, sarradela, luzerna, trevo e tremoços.

— Ultimam-se os enxertos de borbulha; vão-se já preparando os lagares e vasilhames (para depois não andar ó tio-ó-tio...) e onde não falte água para rega, plantam-se bróculos, couve-flor, repolhos, lombardas, etc.

## AFOGADO NO RIO MINHO

Melgaço, 23 — Ontem, de tarde, quando, ali nas proximidades de S. Marcos, juntamente com outros se banhava no rio Minho, parece que devido a congestão, pereceu afogado o menor de 15 anos António Joaquim Gonçalves do Souto, filho do sr. José Arlindo da Cruz do Souto e de sua esposa, sr.a Carolina Rosa Gonçalves, lavradores-proprietários do lugar de Bouça Nova, da vizinha freguesia de Prado.

O cadáver do desditoso António Joaquim foi recolhido imediatamente, sendo, após as formalidades legais, removido para casa de seus inconsoláveis pais, donde hoje, há-de sair o funeral para o cemitério da referida freguesia.

Este infausto acontecimento, sobretudo na falada freguesia, causou a maior consternação, pois o sinistrado era muito querido e estimado. Sentidos pêsames. — C.

\* \* \*

Em dia de S. Lourenço (10)  
Vai à vinha e enche o lenço.

## Parada do Monte, 26

Falecimento — Com a bonita idade de 77 anos, faleceu no dia 18, a sr.a Maria Esteves Capateira. A família entulada enviamos as nossas sentidas condolências, e páz a sua alma.

Partidas e chegadas — Vindo de França chegou à sua casa em Cortegada o sr. Manuel Esteves Casal.

— Para Braga, partiu o nosso querido pároco P.e António Domingues.

— Para Madrid, Espanha, a sr.a Maria Afonso, que foi passar as férias em casa dos pais.

— Para Braga, partiu a menina Maria Lucena que foi fazer o exame de admissão.

— De Braga, vieram passar as férias grandes em casa de suas famílias, os estudantes Manuel Domingues e Justino Afonso.

— De Cascais vieram alguns rapazes que tinham ido em procura da árvore das patacas, mas como a não encontraram ao cabo de dois meses vieram-se embora.

Exames — Realizaram-se os exames do 1.º e segundo grau

## Prado, 26

## Festa de S. Lourenço — Exames do 2.º grau — Outras Notícias

E' já em 10 do próximo futuro mês de Agosto o dia festivo de S. Lourenço, nosso glorioso padroeiro. Este ano, a comissão nomeada para promover aqui a festa em honra do bemaventurado diácono-mártir é constituída pelos srs. Abraão José Tábua, Armando José Domingues, José Cândido Domingues e José Rodrigues de Lima Teixeira, todas pessoas de brio e de comprovada idoneidade; no entanto, tudo leva a crer que se quem de direito não autorizar a que a festa se faça, mais ou menos, nos moldes dos anos anteriores ela, (Comissão) não promovia coisa nenhuma.

Mas seja como for, quer a festa se faça ou não, tu, forasteiro, no dia 10, não devas deixar de vir a Prado, pois se não tiveres música nem foguetes terás, em ambiente são e de bucolismo, edénicas paisagens para gáudio do teu espírito...

...E não esqueças, forasteiro, que vinho há muito na terra. Mas bom, vinho verdadeiro, S6 do «Lelo» da Serra.

Mas olha, forasteiro, traze fiada a «massaroca» Porque o «Lelo», tuberneiro, Não se ageita c'o a roca!

\* \* \*

Na escola masculina da Vila de Melgaço, realizaram-se, hoje os exames do 2.º grau (4.ª classe de instrução primária) aos quais foram submetidos os seguintes examinandos da escola desta freguesia:

Bento Domingues Trancoso, Bento Júlio Gonçalves, Carlos Alberto Soares, Fernando de Castro Lourenço (Remoães), João de Sousa Elias, José Luís Fernandes (Remoães), Maria das Dores Lopes Gonçalves, Maria Fernanda Pinto da Silva (Remoães), Maria Filomena Lourenço, Natércia Ana Gomes, e Ricardo José da Rocha.

Porque todos ficaram bem, todos estão de parabéns, assim como a sua activa e inteligente professora Ex.ma sra. D. Maria Fernanda da Veiga Pinto Coelho Durães, que não deixa ficar o seu munus por mãos alheias.

\* \* \*

Na tarde do último domingo, dia 22, quando juntamente com

nesta freguesia, ficando todos os alunos bem classificados. Parabéns pois aos srs. Professores e aos alunos que souberam aproveitar bem o tempo.

O tempo e agricultura — Após uns dias de chuva que muito veio beneficiar a agricultura, os nossos lavradores andam na maior força da apanha dos feno. Pois temos a informar os nossos leitores que temos um ano agrícola bem principiado de tudo. — C.

comerciantes na referida cidade srs. Ladislau Pinheiro e seu primo sr. Ildio Augusto Pinheiro Júnior, filho do meu pressão amigo sr. Ildio Augusto Pinheiro, honrado lavrador desta freguesia.

— Igualmente aqui se encontra, chegado da Capital, o sr. António Joaquim Gonçalves, da Corredoura.

— Com suas gentis filhinhas, Antónia de Jesus e Rosa Maria, está em sua casa da Fechoa, a Ex.ma sr.a D. Maria de Lourdes Magalhães Machado Lourenço, estimada esposa do nosso querido amigo sr. Chefe Martins Lourenço.

— Também está no lugar de Souto, em gozo de merecidas férias, o sr. Artur Anselmo Dantas, estudante dum dos liceus da cidade do Porto.

— Do Porto, regressou a gentil menina Maria Luíza Rodrigues de Azevedo, restremecida filha do sr. João António de Azevedo, muito digno soldado da Guarda Fiscal.

P. S. — Acabara de escrever esta quando fui informado de que Sua Ex.cia Rev.ma o Sr. Arcebispo Primaz autorizou a que a festa de S. Lourenço se faça aqui mais ou menos na forma dos anos anteriores. E, assim, teremos a grandiosa iluminação, na véspera; missa-solene a grande instrumental, sermão, procissão e concerto musical, no dia; ficando, desde já, avisado o forasteiro de que são proibidas as danças, os bailados e outras práticas que briguem com o decoro e bons costumes.

— Também vindos de Lisboa, para onde já regressaram, estiveram entre nós os considerados

Todos, a Prado, pois! — C.

## "A quem de direito,"

O nosso jornal publicou em 1 de Julho, na carta "Da Vila" uma notícia referente a Amaro Faustino do Nascimento, que intitulou "A quem de direito".

O nosso correspondente da Vila, Aldemar Rodrigues Soares, publicamente conhecido por Mário, é homem probo, digno e culto que terrível doença, lançou numa cadeira, donde não pode sair, há muitos anos.

Nestes dez anos de vida do nosso jornal, o Mário tem sido colaborador dedicado e, com o Sr. Justino Veites, de Parada do Monte o correspondente mais assíduo.

As suas notícias não são colhidas in loco, porque não pode sair de casa.

Apesar disto, nestes dez anos, ninguém nos trouxe qualquer reparo às suas correspondências.

Acontece, porém, e pela primeira vez, que a respeito da notícia que publicamos em 1 de Julho, intitulada "A quem de direito", na secção "Da Vila" chegou até nós uma versão diferente da do nosso correspondente pela qual se conclui que Amaro Faustino do Nascimento não foi agredido, facto aliás que só testemunhas visuais ou o serviço do Banco do Hospital poderiam comprovar.

Gostosamente registamos esta versão de não agressão, visto que desta forma a nossa terra continua a revelar boa educação e, sobretudo, óptima educação cívica.

Disseram-nos também que foi um Agente da Polícia Internacional que encontrou o infeliz Amaro Faustino do Nascimento prostrado, e abandonado, e não só o levou a casa, em Prado como notando que nesta estava mal instalado, o levou ao Hospital, aonde ficou internado, durante uns dias em tratamento, com benefícios manifestos para a saúde do infeliz.

Como à imprensa não cabem funções de inquirição de factos, mas sim de registo dos mesmos, arquivamos esta versão dos factos a que se refere a notícia "A quem de direito" pois é, para nós, dever profissional.

JULIO VAZ

## Chaviães, 25

Com grande brilhantismo realizou-se no passado domingo, 22, a festividade em honra da nossa padroeira, Santa Maria Madalena. Foi um grande acontecimento para a nossa freguesia, que viveu um dia de grande alegria. A respectiva comissão houve-se, com todos os esforços que lhe podia dedicar a esta festividade, porque sem dívida foi uma das melhores que por aqui se tem realizado. Todos os elementos que se fizeram representar eram mestres da sua arte. A ordem foi completa, pois este bom povo soube cumprir com o seu dever de boa educação.

Felicidades com muita admiração a nobre comissão, pois não regateou tantos sacrifícios e cansaças afim de lhes proporcionar, a este bom povo, um dia de grande alegria.

E a propósito tenho a acrescentar que, para o próximo ano e conforme o nosso revm. pároco anunciou, a festa da nossa padroeira, bem assim todas as outras nesta freguesia e creio que em toda a Arquidiocese de Braga, vão ser modificadas por ordem superior; isto é, vai se dar a Cesar o que é de Cesar: Festas católicas, tem o seu dia marcado e festa de pagode fica separada para outro dia, a marcar pelos seus admiradores, que infelizmente são bastantes.

Há muito que todos os católicos suspiravam por esta medida muito acertada, pois, não se pode estar de bem com Deus e com o diabo ao mesmo tempo.

**O nosso reservatório vai ser um facto em breve** — Sei por informações que a nossa digna Junta de Freguesia me deu, que já está em elaboração a planta e cadastro dos terrenos a regar por ele. E' de facto um verdadeiro melhoramento que nós vamos possuir e que muito precisamos mas graças a Deus agora será uma realidade. A forma como as suas despesas serão custeadas não a sei, mas ouvi dizer a uma pessoa muito influente, que o nosso Governo comparticipa com setenta e cinco por cento. Sendo assim, daremos graças a Deus. E' um grande auxílio que o Estado nos dá e que nós muito lhe agradecemos.

**De férias** — Já estão aqui junto de suas queridas famílias, afim de passar as férias desta época, as estudantes das escolas secundárias, meninas Emilda Esteves Coelho, Maria Alice de Lima e Emilia Beatriz Reinaldes, filhas respectivamente dos nossos amigos sr.s Manuel R. Coelho, funcionário da nossa repartição de finanças, Manuel Luís de Lima, comerciante na nossa vila e António L. Reinaldes, muito digno Guarda fiscal.

—E também está aqui de férias, junto da sua querida família a menina Maria Emilia de Carvalho, nossa estimada assis-

## Paços, 22

Tive o prazer de cumprimentar nesta freguesia, o sr. António da Silva Lopes, que veio de visita a sua terra natal.

—Também veio de Lisboa passar uns dias entre a sua família, o sr. José Fernandes, 2.º sargento do exército.

—Vindo de Viana do Castelo, encontra-se entre nós a sr.a D. Joaquina Pereira Vaz e seu filhinho mais novo Alberto Luís Vaz.

—Para Lisboa, partiu há dias meu cunhado António José do Souto. Que tivesse boa viagem é quanto do coração lhe desejo, bem assim como muitas felicidades pela nova vida.

**Falecimento** — Faleceu há dias no lugar de Sá a sr.a Maria Esteves. Paz à sua alma.

**Pela nossa Igreja** — E' na próxima quarta-feira que começa aqui nesta Igreja um tríduo preparatório para a festa do Sagrado Coração de Jesus, que se realiza junto com a festa de S. Ana no próximo domingo, dia 29.

—Na próxima terça-feira virá a esta freguesia o sr. Dr. Clemente Ramos para falar nesta freguesia, sobre a Hora Santa.

**A quem de direito** — Depois de ter passado por várias vezes por este caminho, e de ter visto o estado vergonhoso em que ele se encontra, venho pedir às Ex.mas Autoridades locais, o favor de avisarem os herdeiros da água do rego do Barreiro, para ao menos eles desviarem a água por uma beira do caminho; pois este caminho torna-se intransitável desde a cruz do Val até à Igreja, está em misero estado; era bom, também, que sendo este caminho um dos principais, se procedesse ao seu conserto.

Mais ainda: No caminho do Outeiro em frente mesmo à casa

pante e regente escolar em Soajo, Arcos de Valdevez, filha muito querida do sr. Armando de Carvalho e de sua querida esposa sr.a D. Amélia de Jesus Araújo.

**Falecimento** — Quando procedia a trabalhos de sua casa ontem, pelas 16 horas mais ou menos, foi acometida de doença subita e mortal a sr.a D. Deolinda Soares, de 70 anos de idade, residente no lugar da Pena. Deixou mergulhada na maior tristeza seu desolado marido e filhos José Maria Fernandes, Zélia, Maria, Mário, e Filomena.

A sua morte foi muito sentida por todos quantos a conheciam. Que Deus Nosso Senhor a tenha em descanso, e pede-se uma prece para ela.

Sentidos pesamos a sua família. —C.

do sr. Pires, dentro de pouco tempo vai-se dar ali um grande desastre devido ao desmoronamento dum muro para o caminho público; quando por ali passar um carro de vacas e que estremeça qualquer coisa o muro, é natural que fique tudo debaixo das pedras; portanto antes que isso aconteça, pede-se a quem de direito para olhar por essa necessidade.

Mais ainda: Como o cemitério ficou bonito, mas mais bonito ficaria se o sr. presidente da Junta obrigasse os herdeiros dos jazigos a procederem à sua limpeza, então sim é que o cemitério marcava. De contrário é como uma moça que por fora veste um lindo vestido e por dentro sabe Deus o que lá vai...

E por hoje ficamos por aqui. —C.

## Donativos de Melgaço para as Missões

	1954	1955
Alvaredo	12\$00	20\$00
C. Laborioso		
Chaviães		
Cristoval	47\$00	100\$00
Consoo	45\$00	
Cobalhão		55\$00
Fíães	20\$00	50\$00
Gave		
L. de Mouro		
S. Paio	200\$00	250\$00
Vila	200\$00	175\$00
Paços	131\$00	76\$00
Paderne		5\$00
Parada	50\$00	110\$00
Penso		
Prado	61\$00	48\$00
Remoães	48\$00	33\$00
Rouças	400\$00	500\$00
Peso	26\$00	

## Cristóval, 12

Partiu para a Cidade de Lisboa António José do Souto, do lugar da Grova, que vai para aquela cidade, a fim de se empregar no comércio.

Já se encontram em França, os nossos amigos Rui Rodrigues e Jesus Lourenço, ambos do lugar de Cevide. Oxalá que Deus os ajude na sua profissão e que sigam sempre os costumes da nossa religião católica, que é o alicerce fundamental de todo o trabalho do ser humano que no Universo habita.

No dia 3 do corrente mês, foi celebrada missa, na capelinha de S.º António, que se venera no lugar de Cevide, desta freguesia de Cristoval, pelo Revm. Sr. Arcipreste do Concelho, P.e Carlos António Salgado Vaz, por alma de Manuel de Matos Lima.

**O tempo e a agricultura** — Tem estado muito bom tempo para a agricultura, nesta região. Os milhos estão muito desenvolvidos e os vinhedos muito prometedores. Se Deus quiser, que não caia alguma trovoadas forte com granizo, este ano deve ser abundantíssimo do precioso líquido. —C.

## Alvaredo, 11

Continuamos a insistir, perante quem de direito, sobre o abastecimento de água a esta freguesia, pois já mais do que uma vez foi focado nas colunas deste jornal, que é de uma necessidade flagrante.

Soubemos que o projecto da mesma já se encontra na Câmara Municipal, portanto pedimos as Ex.mas Autoridades o favor de o enviar ao seu destino.

Todos são unânimes em afirmar que é de necessidade absoluta, portanto confiamos e esperamos na compreensão e benevolência das respectivas autoridades.

**Festas** — Realizaram-se no passado dia 14 de Junho as tradicionais festas em honra de S. João Baptista. Da parte de manhã houve missa cantada, sermão eloquente e uma imponente procissão. Da parte de tarde teve lugar o arraial. Estas festas foram abrilhantadas pela Banda dos B. V. de Melgaço. A transmissão de som esteve a cargo da já conhecida Oficina Radiotécnica de Monção.

Estão de parabéns os mordomos por levarem avante tão grandiosa festa.

Também se efectuou no dia 29 do passado mês de Junho as já costumadas festas em honra de Santa Bárbara. A festa consistiu da parte de manhã de missa cantada, convenientemente sermão e magestosa procissão.

À tarde houve arraial. Tomaram parte na abrilhantação das mesmas a Banda de Cavencas e todos os actos foram transmitidos por uma das aparelhagens da potente Oficina Radiotécnica de Monção e pelo locutor insigne João Fernandes Alves. —C.

## Penso, 22

Esta freguesia encontra-se de luto por Deus ter chamado à sua divina presença o Sr. P.e Artur de Almeida motivo porque não se realizam Festas nenhuma desta freguesia. Sentimentos que os habitantes conservam por terem perdido o seu bom pastor e consolador da humanidade.

**Chegado do Brasil** encontra-se na sua residência e sua esposa o nosso amigo Manuel Gonçalves. E' pena a sua saúde ser pouco satisfatória, certo que dentro de pouco tempo estará restabelecido, se Deus quiser.

**Chegaram dos limites da França** os nossos amigos Avelino Meliro Rodrigues, Maximiano Domingues que se destinavam a ir ganhar a vida para a referida nação. Ambos ficaram sem 15 contos.

No dia 15 receberam as águas do Baptismo uma filhita do nosso amigo Henrique Rodrigues e de sua esposa e recebeu o nome de Maria da Fátima. Foram padrinhos o nosso amigo Joaquim Gomes e sua esposa Maria Rodrigues, tios da recém-nascida. Que viesse a este mundo com a guia das melhores estrelas. —C.

## Notas à margem

## FATALISMO

Há meses tive ocasião de assistir a uma discussão sobre «fatalismo», o que não é raro entre nós. Contra o que esperava, a polémica tomou rumo não suspeitado e adquirindo mesmo certa elevação. O defensor do «tinha de ser» não levou a melhor, o que é para admirar num País onde o «destino», esse senhor omnipotente, que superintende na vida humana, é geralmente venerado.

**Ninguém foge ao seu destino, diz-nos a Amália num dos seus lados e vê a gente dizer que não é verdade!**

O fatalismo é doutrina de preguiçosos, costumava afirmar um antigo mestre meu e apresentava um argumento, que se pode considerar irrefutável: «Se está determinado, dizia, que o senhor há-de morrer daqui a 1 hora, por que não dá um tiro nos miolos?» Claro está, o interlocutor ficava um pouco estupefacto com o alvitre e recusava-se a tal mas ele prosseguia: «Não se assustel está escrito que o Senhor morrerá daqui a 1 hora, ou não, portanto, em qualquer das hipóteses, nada tem a perder; se tem de morrer dentro de 60 minutos, o Senhor morrerá irremediavelmente, quer desfeche a arma quer não (se está determinado não morrer, não morrerá). O homem não seguia o conselho, evidentemente e bem andava em não o seguir.

O «fatalismo» é uma herança árabe, embora os romanos tivessem também o seu *fatum* ou *destino*, a que até os próprios deuses estavam sujeitos. No entanto o *fatum* dos romanos não tinha o carácter do nosso *fiato* ou *destino*. Não era, propriamente, um sentimento inserto na alma do povo, mas foi uma criação necessária da Mitologia, para explicar o fracasso do Deus do Olimpo.

Temos, na verdade, algum sangue árabe nas veias e, com ele, recebemos esta crença supersticiosa do destino, com deus regulador dos nossos actos. E' uma característica de povos, pouco desenvolvidos, devendo porisso, lutar contra ela.

O argumento do meu antigo professor não deixa de ser eficaz e nós registamos ainda o facto de, sendo o destino um Senhor inexorável, se ir actualizando como qualquer um de nós. Com efeito, antigamente não se morria de desastre de avião e de automóvel, morre-se; porém, agora.

A. Domingues

No dia 14 foi a inauguração em Melgaço, na Praça da República do Talho Moderno pertencente a António Faro. Que tenha boa sorte, pois o seu proprietário é digno dela, é um verdadeiro Baloio, trabalhando sempre com honradez e veio para a sua terra.

Bem haja. — C.

# a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:  
P. e JULIO HILARIO VAZ

Redacção e Administração, interinas: Residência Paroquial — Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga  
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:  
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00  
ANO XI

Melgaço 15 de Agosto de 1956

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
N.º 125



## Vamos todos ao Sameiro! A Grande Peregrinação de Agosto

Em pleno Ano Jubilar do Sagrado Coração de Jesus, vamos realizar no próximo dia 26 de Agosto, último Domingo do mês, a grandiosa Peregrinação, consagrada pelos estatutos da Confraria e pela tradição do nosso bom povo cristão, que por nada troca ou esquece a sua devoção à Senhora da Sameiro, Imaculada Mãe e Padroeira de todos os portugueses, Protectora desvelada dos bracarenses e deste ridente Minho.

O programa consta do seguinte:

Todos os actos e solenidades serão neste ano integrados no Ano Jubilar do Sagrado Coração de Jesus, honrado no Sameiro, com o primeiro Monumento Nacional, erguido em 1930, no Congresso Nacional do Apostolado da Oração, por voto e devoção de todos os portugueses.

Na Sé Primacial de Braga Novena Preparatória.

De 17 a 26 de Agosto — As 21 horas: Haverá, todos os dias, novena preparatória, diante da Imagem de Nossa Senhora do Sameiro, solenemente entronizada, no centro da Catedral, com sermão pelo Venerando Abade do Mosteiro Beneditino de Singeverga, D. Gabriel de Sousa.

Sábado, dia 25 de Agosto — As 21 horas: Na Catedral, Solene Vigília para a grande Peregrinação.

Domingo, 26 de Agosto — As 8 horas: Partida da Catedral da grandiosa, pia e tradicional Peregrinação, que num espírito de verdadeira devoção, perfeita organização e ardorosa penitência, subirá em escalada de amor e sacrifício a encosta do Bom Jesus e Sameiro, presidida pelo Senhor Arcebispo Primaz ou seu Representante.

A chegada ao Sameiro Missa Campal para os peregrina-

(Continua na 3.ª página)

## Notas à margem

### O FADO

Aqui há uns 30 ou 90 anos o Fado era desconhecido em Portugal, exceptuando Lisboa, onde apareceu.

Hoje, a bem dizer, não há aldeia portuguesa, onde não se cante. Caso pouco vulgar este! Sendo o Fado uma canção de origem não popular, nem mesmo nacional, tornou-se, em pouco tempo, uma das músicas mais vulgarizadas no País.

O Fado tem inúmeros simpatizantes, vamos dizer devotos e tem igualmente, muitos adversários, o que faz dele um caso à parte. Encontram-se os simpatizantes, na maioria, nas camadas baixas e média da população e os inimigos na classe culta ou intelectual. Para estes o Fado é *Canção de Vencidos* (Luís Moita). Para aqueles é a *Canção Nacional*. Porque duas opiniões tão opostas?

Fis um caso que merece consideração.

José Osório de Oliveira apresenta-o como um problema nacional e talvez tenha razão.

Se, como dizem os seus adversários, é uma melodia deprimente, será o nosso povo um povo de tristes, de vencidos; pois, assim, o adoptou tão espontaneamente? Há, sem dúvida, certo exagero nesta apreciação.

Nunca fui seu panegirista, mas reconheço que existe nele qualquer coisa de belo, que deve encontrar-se, nesta música, algo que fala à nossa gente, pois, de outro modo, não se compreenderia a sua adopção por ela, nem mesmo esse entusiasmo, que chega a despertar em estrangeiros que nos visitam.

Que é música triste estamos de acordo e, só por isto, iríamos dizer que jamais poderia entrar na alma do povo, sabendo como eis tanta e do diverso.

Estamos, pois, em face de um problema, que parece não ter sido resolvido ainda de maneira clara. Em meu entender, temos aqui duas coisas a considerar: Há no carácter do Português dois temperamentos distintos que se opõem: um temperamento triste e um temperamento alegre, ou melhor, certa predisposição para a alegria e o divertimento, talvez porque *tristes não pagam dívidas*. Isto parecerá es-

tranho, mas repare-se que, se não quisermos admitir a existência destes dois sentimentos na alma popular, não será possível explicar devidamente este mistério: uma canção triste, melancólica, adoptada espontaneamente por um povo que parece não saber cantar senão música alegre.

Esta minha afirmação, aliás, encontra-se confirmada por um dito, vulgar entre nós: *um português, um melancólico, dois portugueses: uma dis-usão, ou dois folgazões*. Quer dizer: quando sós, somos tristes, se acompanhados, alegres. Temos assim uma explicação. O Fado entrou na alma popular como canção de solitários. Quando está triste, quando está só, o português canta o Fado, quando alegre, canta o Vira, ou Chula ou a Cana Verde.

Repare-se no próprio cenário e ambiente onde se canta: a fadista ou o fadista, uma guitarra e uma viola e a assistência, silenciosa, digamos mesmo triste. Ponca luz! Pode a assistência ser numerosa e é-o quase sempre, quem

(Continua na página 4)

## Dois operários

portugueses

vítimas duma explosão  
em Espanha

Orense, 7. — Ficaram gravemente feridos, eegaram e um perdeu as mãos dois operários portugueses vítimas de uma explosão ocorrida numa pedreira próxima da povoação de Notaria, no município de Ponte Borjas, não muito longe da fronteira de Portugal.

Os dois operários são: Américo Duque Vieites, de 26 anos de idade, natural de Paderno, e Sérgio Fernandes Rodrigues, de 22 anos, natural de Tangil.

As vítimas, estranhando a demora da explosão na pedreira, aproximaram-se para examinar o dispositivo de descarga. Quando estavam muito perto, verificou-se a explosão e os dois operários foram lançados a grande distância.

Pouco depois do acidente, os dois portugueses foram internados num hospital de Orense. —(ANI).

## No Alto Minho

A aldeia das mulheres de negro...

Com os olhos anda emranchados nas imagens de terras brasileiras, entrei no Alto Minho e ali me mergulhei no mar de pujante vegetação que o Peso, Melgaço, S. Gregório e redondezas tumbam em nos oferecer como num fauto banquete que nos tenha deliciado.

Sempre ávidas de novas gentes, de novas terras, de novos aspectos, cortei pelas serras em busca de aldeias bem portuguesas, velhas na idade e no parecer e novinhas em folha para mim. Castro Laboreiro, lampejo de vida na estéril serra da Gaviira, interessou-me sobremaneira. Casas negras, algumas cobertas de colmo, outras com telhados numa nota berrante a ressaltar numa ambiência mirrada por falta de cor do casario da terra e da população. Casas negras, sim, campos pardos, serras duras, calvas, pedregosas... Mulheres vestidas de

preto, embiocadas, por vezes com chapéu batido e rebatido por nevoões e ventanias, se não também alagado e ressecado pelos efeitos do sol, sobre esse bioco que nem a vilhinha larga e, nós, nos prende (tanto como as chancelas de madeira e as polainas de burel, ou de jornal, que todas elas usam dia a dia.

Aqui e além, deparei com muheças a puxar carretas; a guiar (ou a engatar bois, sempre usando a indumentária; eadrião único; do lugar que em velhas eras teve o seu castelo altaneiro e as suas muralhas; em morros escarpados, quase só acessíveis aos famosos cães que da localidade têm o nome — animais esses que a fraudulagem das tribus semi-selvagens, de séculos já bem distantes do nosso, tinham que dar; como modesto tributo, aos seus senhores.

(Continua na 2.ª página)

## DA VILA

Agosto, 12.

**Abençoada Justiça!**... — O caso é recente, foi falado, e, muito embora já não seja inédito, nada perde em o registarmos nestas columnas, apesar de ser estranho ao concelho.

Foi, pois, o dito caso que, há poucos meses, Abílio Afonso, casado, proprietário duma taberna sita na Rua Direita da Vila de Monção, por emigração clandestina, deu entrada na cadeia de Melgaço. Aqui, durante o tempo que esteve recluso, raras foram as visitas que lhe fez sua mulher, Aurora Pires, de 31 anos, que então administrava a falada taberna, coadjuvada por um mocetão de quem *voz populi* dizia muita coisa... Raras foram as visitas que a Aurora fez a seu marido, dizíamos, mas em todas elas não esquecia de trazer-lhe uns piteuzinhos com os quais o recluso se sentia sempre indisposto depois de os ter comido, a pontos de em determinada visita se sentir tão mal que naquele estabelecimento lhe foi ministrado azeite para o aliviar da intoxicação.

Breve. O Abílio, em 19 de Fevereiro do ano corrente, foi solto, reassumindo o cargo dos seus negócios; mas... logo no dia 25 do mesmo mês, começou a sentir-se tão mal, tão mal, que em poucos momentos agonizava e entregava sua alma ao Criador.

A Aurora, impassível, assistiu a este espectáculo sem prestar os mais elementares socorros ao agonizante! — Pudera estava a rever-se na sua obra...

Conclusão, o povo começou a falar; a autoridade tomou conta da ocorrência, encarcerando a Aurora e autopsiando o cadáver, confirmando-se ter havido crime de envenenamento; e, assim, em 3 do corrente, em Tribunal Colectivo, a que presidiu o integérrimo Corregedor deste Circulo, sr. dr. José Maria da Silveira Montenegro Caldeira Cabral, foi a dita Aurora julgada e condenada na pena máxima — vinte oito anos de prisão maior e mais uns "ques", o que tudo somado fica com que se entrete para o resto dos seus dias. **Abençoada Justiça!**...

**Festa da Padroeira** — Como temos noticiado, realizou-se-a, no próximo dia 19, na igreja Matriz desta Vila, uma brilhante festividade em honra de Santa Maria da Porta, nossa excelsa Padroeira, a qual constará de missa solene, com Comunhão geral para crianças e adultos, sermão pelo consagrado orador sacro, rev. sr. P.e Manuel Fernandes de Sá, muito digno abade de S. Miguel de Entre-os-Rios, Ponte da Barca, e uma magestosa procissão. O tríduo, que terá início no dia 15, será também pregado por aquele distinto orador. Tome, pois, nota.

**Óbitos** — Em 25 do mês findo, faleceu, no Hospital da Misericórdia, o sr. Júlio Augusto Herédia, o "Cabo Herédia", de 59 anos, aposentado da G.N.R., cujo funeral se realizou no dia seguinte para o cemitério de Paços.

— No pretérito dia 2, também faleceu nesta Vila a s.ra Rosa Rodrigues Nabeiro, viúva, de 61 anos, irmã dos nossos estimados amigos srs. Fernando e Belmiro Rodrigues Nabeiro. O seu funeral realizou-se no dia seguinte e foi extraordinariamente concorrido, pois a extinta gozava da geral estima e simpatia.

— Igualmente acaba de falecer no Sanatório do Camarulo, onde fora em busca de saúde, o sr. Joaquim António Vaz, solteiro, filho do falecido oficial de diligências sr. Francisco do Jesus Vaz e irmão da s.ra D. Arminda Orlia de Jesus Vaz.

As respectivas famílias enlutadas, apresentamos sentidas condolências.

**Feiras e Mercados** — Realizou-se, ontem, nesta Vila, mais uma feira de gado, devendo a próxima ter lugar no dia 25 do corrente.

No mercado semanal, também de ontem, appareceu algum milho a 11\$00, o meio decalitro; centeio a 10\$00, idem; feijão rajado a 9 e 10\$00, idem; batatas a 1\$25 o quilo; cebolas à razão de 2\$00, idem; galos, galinhas, frangos e franguinhos desde 23, 24, 14 e 10\$00, cada, respectivamente; ovos a 12\$00, a dúzia; peras e maçãs desde 1\$00 idem, e sardinhas (pilinga) a 10\$00 o cento.

Na feira do dia 3, em Paderne, transaccionou-se muito gado.

**Comparticipação** — Peló Ministério das Obras Públicas e proveniente do "Fundo do Desemprego", foi concedida à Câmara deste concelho, para arranjo da estrada do Viso a Chaviães (2.ª fase), a comparticipação de 75 mil escudos.

**Desaparecida** — Da casa da sua residência, sita no

(Continua na 3.ª página)

## Efemérides

## No Alto Minho

(Continuação da 1.ª pág.)

Em 15 de Agosto de 1506, em Mombaça, num combate travado com os nativos, sucumbiu D. Fernando d'Êça, pai de D. Helena d'Êça, casada que foi com Fernão de Castro, alcaide-mór de Melgaço e Castro Laboreiro. Neste combate os portugueses tiveram apenas 4 mortos, enquanto que os mouros tiveram 1513 mortos e 1200 prisioneiros, dos quais o capitão-mór da Armada portuguesa, D. Francisco de Almeida, somente tomou 200, por os restantes constituirem carga demasiada para as náus.

Em 16 de Agosto de 1912, da cadeia da Relação do Porto, transitou para a Penitenciária de Lisboa, Agostinho Esteves, o «Corga», da freguesia da Gave, o qual havia sido condenado pelo tribunal da Comarca de Melgaço na pena de 5 anos e 4 meses de prisão maior celular, seguida de 18 anos e 4 meses de degredo, por em 9 de Outubro de 1910, ter assassinado um tal José do Manco, da freguesia de Ribeira de Mouro, Monção.

A igrejinha, morena, airosa e florida, ergue-se num pequeno e pintresco largo, que também se orgulha do seu fontanário que não cessa de murmurar ao desafio com a corrente de água deslizando lá mais abaixo, eterna caminheira que se dá ao solo na ânsia da fecundação que consegue, de onde em orde, e assim nos dá a nota verdejante que avidamente buscamos nas serranias secas e pardas que levam os homens a levar os braços para terras de França...

...e são os mulheres que ficam naquela secura, que ficam naquela luta contra a esterilidade do solo e a esterilidade da alma e do corpo! Difícilmente se descortina um homem válido em Castro Laboreiro. Mal desponta a adolescência, corta legalmente, ou clandestinamente, pela Espanha adentro com rumo à França. Ali, sim, poderá ganhar de modo a como muito bem convence a letra do foral novo, por D. Manuel autorgado a Melgaço, em 3 de Novembro do referido ano de 1513, naquela parte em que diz:

«E na freguesia da Várzea tem ora o dito pero de crasto agunção da varzea que he Reguengo e assy as vinhas e herdades della que soyam de seer dous casars Reguengos...»

Em 22 de Agosto de 1734, na igreja Matriz da Vila de Melgaço se procedeu à eleição dos novos officios para a Confraria do Senhor, tendo saído eleitos por pluralidade de votos, para juiz, o rev.do António de Abreu Magalhães, e para mordomos, Diogo de Abreu e Pedro Gomes, respectivamente, dos lugares da Corga e da Assadura. Suederam ao rev.do Gregório Gomes, Sebastião Afonso e Bento Pereira, o primeiro juiz e os dois últimos mordomos.

## SOCIEDADE

## Aniversários

**Fazem anos:** — Amanhã o jovem Alberto Magno Pereira de Castro; no dia 18 a s.ra D. Maria de Lourdes Magalhães Machado Lourenço e o sr. Albertino Domingos; no dia 19 a s.ra D. Jaracy Gomes Alves, os srs. Claudio de Sousa Lobato e P.e José Marques e o jovem Jorge Dantas da Costa Afonso; no dia 21 a s.ra D. Maria Rosa Fernandes Domingos; no dia 22 as sras Maria da Assunção Madeira e D. Maria Herminia Rodrigues Pereira Rodrigues e o sr. Alberto Augusto de Sousa e Castro Júniois; no dia 23 as sras D. Esmália de Nazaré dos Santos Lima Peres e D. Maria da Glória Gonçalves Pereira e o sr. Mário Augusto Feliciano, no dia 25 os srs. eng. Armando Jorge Ferreira da Silva e dr. Artur Anselmo Gonçalves de Castro; no dia 26 o sr. António de Jesus Merim; no dia 27 a s.ra D. Felicidade Gomes de Sousa Calheiros; no dia 28 o sr. Claudino Augusto Rodrigues; no dia 29 o sr. João Baptista Vaz e o jovem Mário José Solheiro Pinto; no dia 30 o sr. Herculano Arsenio Gomes Pinheiro, e no dia 31 os srs. José Simplicio Moreira (Peleila) e Martiás de Barros.

**O nosso Director** — Em gozo de merecidas férias, está para as Ilhas Baleares, Espanha; o nosso muito ilustre Director, rev. sr. P.e Júlio Hilarião Vaz, a quem desejamos que as mesmas lhe aproveitem, pois bem o merece.

**Chegadas** — Com os seus familiares, desde há dias que se encontra no seu solar da Calçada a Ex.ma S.ra D. Maria Higinia da Magalhães Fernandes Pinto, esposa muito querida do talentoso caudillesco sr. dr. Henrique da Fernandes Pinto.

— Também com sua Ex.ma Família está entre nós o sr. eng. António Gonçalves da Silva, do Porto.

Em 24 de Agosto de 1764; contando apenas 12 anos, 4 meses e 26 dias, foi admitto como irmão, na Confraria das Almas de Prado o depois Padre José Lopes, filho de Rafael Lopes e de sua segunda mulher Maria Gonçalves. Como disse algures, foi este padre o fundador da capelinha de Santa Bárbara do lugar dos Bouços da referida freguesia de Prado.

Em... o resto fica para depois, já porque chegou ao fim do linguado, já porque Roma e Pavia não se fizeram num só dia e já porque o jornal não é só meu.

Mário

(Continua na 3.ª pág.)

## Vamos todos ao Sameiro No Alto Minho

(Continuação da 1.ª página)

nós e com a sua participação. Alocução pelo Rev. mo D. Abade de Singeverga. Bênção aos doentes. Acto de Homenagem ao Sagrado Coração de Jesus, com votos e augúrios para a apoteose do Congresso do ano próximo.

De tarde, às 15 horas: Sermão, Terço, Bênção e conclusão da grande romagem de devoção e amor à Virgem Imaculada e ao Sagrado Coração de Jesus. Bênção dos doentes.

### Assumpta est

Aurora borbulhante de alegria!  
Da natureza a orquestra triunfal,  
Na graça do sorriso matinal,  
Solta arpejos de linda melodia...

Com o sol, por entre ondas de harmonia,  
Penetrando na esfera celestial,  
Sobe uma virgem, fronte de cristal...  
Levam-na os anjos... oh! que poesia!...

Formosa... deslumbrante... E' Maria!...  
E a terra chora... num adeus final...  
Excelsa! O' bondosa Mãe de Deus,

Minha meiga Senhora da Assunção,  
Sobe... mas, leva o mundo em tua mão...  
Oh! leva-o contigo para os céus!...

Francisco Araújo Faria

## DA VILA

(Continuação da 2.ª página)

lugar dos Bouços, da vizinha freguesia de Prado, desapareceu no pretérito dia 4, mais tornando a ser vista, a s.ra Amélia Rosa Alves Conde, viúva, de 70 anos. A desaparecida, que dá indícios de alienação mental, é de estatura regular, tem rosto redondo, olhos claros e o cabelo todo branco; vestia saia e belusa pretas e calçava sapatos de pano também pretos, sem meias. A sua família, como é natural, está em cuidados, pelo que pede a qualquer pessoa que saiba do seu paradeiro o favor de o indicar para aquela direcção, o que antecipadamente agradece.

**Socorros para os pobres** — Chegou, há dias, a esta Vila, para ser distribuído pelas famílias mais necessitadas do concelho, um carregamento de géneros alimentícios, oferecido pelo povo católico dos Estados Unidos — e não pelo governo da mesma nação — à "Caritas" portuguesa, socorros que no conjunto muito virão beneficiar milhares de famílias pobres do nosso País.

Segundo informações que colhemos em fonte fidedigna, este auxilio continuará, embora sobre outra modalidade talvez mais eficiente e, assim, a "Caritas" continuará a servir a causa do bem e da caridade, segundo o programa que superiormente lhe foi traçado.

**Exposição pictural** — Levada a efeito pela Ex. ma s.ra D. Aurora Trigo Soares, sogra muito querida do digno médico veterinário deste concelho, sr. dr. Soares Machado, desde o dia 8 que numa das salas do popular "Hotel Aguas de Melgaço" (Ranhada) se encontra patente uma interessante exposição de pinturas da autoria daquela distinta artista, exposição que não visitamos, mas que nos dizem estar despertando justificado interesse pelos motivos nela expostos. Nossas felicitações.

**Turistas** — Não nos lembra que a nossa terra tenha sido tão procurada como no ano corrente pelos turistas que isolados em carros particulares ou em excursões em luxuosos auto-carros, frequentemente demandam estas paragens. E isto com as insuficientes vias de comunicação de que dispomos, que no dia em que as estradas de Fiães e a de Lamas a Sistelo forem uma realidade Melgaço, pela sua privilegiada posição geográfica e paisagens incomparáveis, há-de forçosamente tornar-se num dos centros turísticos mais apetecíveis do País; mas, para tanto, imprescindível se torna a criação de pousadas, miradouros e outras comodidades e regalias que os tempos hodiernos e esta prática não dispensam. Senão... não.

**O tempo e a agricultura** — Tem chovido e ventado agrestemente, o que muito vem prejudicando a agricultura, especialmente os milhos, cuja colheita, que ainda na nossa última carta víamos tão prometedora, se não vier calor, está grandemente comprometida.

(Continuação da 2.ª página)

das roupas se não, também, o do coração?! Não, não foram quartos confortáveis, embora modestos, a cheirar a eucalipto, a rosmaninho, a alecrim, a cal, ainda, como poderia encontrar em lugares de além Tejo! Senti arrepios como se «as brancas caissem num forte nevo» — como diriam as mulheres de negro de Castro de Laboreiro... Mas, logo, reanimei-me pensando que tudo é relativo neste Mundo onde os contrastes violentos se movimentam e se entrecrocavam de minuto a minuto.

Afinal, não sentiria eu alívio, em vez de arrepios, se ali entrasse depois de cavar num dos pequeninos oásis, já nem digo na charmea brava, que parecem perdidos em terra destituída a ninguém?! Certamente que sim, e que os cinco escudos que a «tia Macheta pede por cada dormida me viriam a parecer uma pequena fortuna. Ainda, que sentiria eu num daqueles quartos, de uma «pensão portuguesa», se em vez de ter viajado de carro tivesse caminhado serra e serra acima, por vezes a tombar de cansaço, de sede e de fome como tantos indivíduos que nem em sonhos têm experimentado o conforto de um bom carro, de uma boa mesa de uma boa cama, de um bom hotel, enfim, o milhor, de um doce lar?! Na verdade, tudo é e a vivo neste mundo de fortes contrastes que o homem tem criado!

Filosofando à minha maneira deixei a pensão da «tia Macheta ta, bem falante e hospitaleira, como a costureira mor desse burgo» quando despido da presença do homem. À porta da igreja vi uma linda moça, loura e branca como os nórdicos que tenham habitado aquela terra que no limiar do nosso reino tinha a regalia de não dar homens às armas. Ao contrário das outras mulheres de Castro de Laboreiro, de uma maneira geral, essa moça não se escondeu no emboço, da sua capinha negra, e cedeu ao meu desejo em fotografá-la. Sorria como uma flor que não temesse a luz do dia — essa Aurora que, de facto, bem pode simbolizar o alvorecer das gentes e das coisas. Já teria namorado? — cismei em voz alta. Logo, a mochinha do capuchinho negro sorriu e garantiu-me que não. Acreditei, supondo que naquele lugar tão magro de varões não fosse muito fácil aparecer um que lhe desse um coração de ouro, no valor de quatro ou cinco mil escudos, seguindo o velho costume que, entre tantos outros, fortalece a vida das tradições castrenses. Depois desse presente de noivado, efectua-se a «cerimónia nupcial que, em vez de agarrar o homem ao lar, o afasta para terras da França! Sim; o homem parte, quase seguidamente às nupcias, deixando a mulher encarregada

A minha gratidão — Festa do Padroeiro — Outras notícias.

Sejam! as primeiras palavras da abertura desta minha carta a pública consignação do meu muito obrigado para com a nossa gloriosa Banda, pela sua gentil saudação que hoje, muito amavelmente, me apresentou, vindo, espontânea e expressamente, tocar à minha porta as marchas «Tabuleiros» e «O atómico», o muito amor e apego que sempre lhe tenho dedicado, o que, havemos de convir, é realmente pouco, muito pouco.

do fruto humano que, possivelmente, lhe tenha deixado e dos palmos de terreno que não chegam para o labor do seu braço. Então, a mulher veste-se de preto, como viuva. Mal ousa olhar as gentes, mal ousa profírir uma palavra, não vê o mundo julgá-la interessada por alguém que não seja o marido que, lá de longe, a contenta com uma carta de quando em vez e uma corrente mais ou menos continua, mais ou menos débil ou forte, de francos convertidos em escudos que irão substituir o colmo por telhas, ou construir nova casinha que os una com um pedacinho de conforto na velhice!

E porque essa corrente financeira existe, se explica o que nos parece um paradoxo de monta dizendo que a presença quase nula dos castrenses leva Castro de Laboreiro a progredir de ano para ano. Ainda não há muito tempo, conforme me afirmaram, essa freguesia nos confins de Portugal era das mais atrasadas que jamais poderíamos encontrar do Norte ao Sul. Casas tocas, quase somente estábulos, como fumo e cinzas do que tivera algo de importante nos primeiros passos de Portugal. Agora, o colmo tende a desaparecer, tal como o pavimento térreo das habitações e a falha de chaminés que levam o fumo longe; bater noutras pedras, «negreçadas pelas intempéries, amontoadas de serra em serra, de colina em colina, por vezes dispostas a precipitar-se como se num entretenimento de titãs... ainda meninos sem afazer!» Ainda, é devido a essa corrente que vemos uma e outra casa nova em Castro de Laboreiro, bem diferentes daquelas outras que nem para animais se aprovam nos países mais atrasados. Talvez o facto dezanime os «conservadores», ou os que se dedicam a estudos étnicos. Mas o progresso tem destes caprichos. Anima uns e desanima outros. Favorece uns e prejudica outros. Ainda, abençoado progresso! — que o homem, com inteligência e esforço, poderá pôr ao serviço de um por todos e de todos por um.

Isaura Correia Santos

(De «Comércio do Porto» de 15 de Outubro de 1955)

## PRADO, 10

palavras gentis e amigas que o seu ilustre Director e meu querido amigo, sr. Manuel Rodrigues de Moraes, na mesma ocasião, fez o favor de me dirigir. Mas, Sr. Moraes, eu não merecia tanto, pois, por muito que busque e rebusque, não me ocorre que alguma vez tivesse feito algo de proveito em prol da sua e nossa laureada Banda, a não ser... a não ser — valha a verdade! — o muito amor e apego que sempre lhe tenho dedicado, o que, havemos de convir, é realmente pouco, muito pouco.

Pena foi que o meu estado de saúde não permitisse ouvir e apreciar a execução dos referidos trechos, como tanto desejava; como, porém, nós os surdos, possuímos um sexto sentido, facilmente advinhei que a nossa Banda está em boa forma, e vi — mas vi com satisfação — que ela se apresenta com apuro e marcialidade impecáveis, assim como também nota a falta de alguns instrumentos, e outros que há muito deviam estar reformados — «senão» este que facilmente seria remediado se surgisse por aí outro «capoeiro». Meceças como o Ex. mo Sr. Amadeu Abílio Lopes.

Capitalistas da minha terra! — Quem de entre vós quer usar da palavra...?

Acaba de realizar-se aqui a costumada festividade em honra do glorioso Mártir S. Lourenço, nosso padroeiro, a qual teve uma pitoresca iluminação eléctrica, pelas instalações do sr. Remales, na noite passada; missa solene; a grande instrumental, sermão, pelo mo. rev. do Pe. Júlio de Azevedo, de Barbeitã; uma luzida procissão que percorreu o itinerário do costume, e arraial no dia de hoje, devendo, à noite, repetir-se a iluminação.

Teve a abrilhantada a nossa distinta Banda, que não deixa ficar seus créditos por mãos alheias; e a «Cabine Sonora Melgaço». A concorrência de forasteiros, tanto ontem à noite como hoje, foi boa.

Parabéns, pois, à dinâmica Comissão que a promoveu, a qual se não fez melhor não foi por culpa própria, mas, porque os ventos não sopraram de modo para festas. E só.

Fizeram exame de admissão ao Liceu Nacional de Braga, tendo obtido boa classificação, os jovens Alcindo Alves Esteves e Cândido Rodrigues de Abreu.

— A fazer o seu costumeado tratamento hidroterápico, esteve nas Caldas de Aregos o nosso bom amigo, conceituado comerciante e abastado proprietário, sr. José Maria Pereira.

— Após ter passado cerca de

Continua na 4.ª pag.

# GAZETILHA

## Força de vontade

— Bom dia senhor doutor,  
Como está? Como passou?  
— Passei bem e o senhor?  
— Muito doente é que estou.

— Diga então, doi-lhe a barriga,  
Doi-lhe a cabeça ou o peito?  
— Nem eu sei se quer que diga  
O que me doi com tal geito.

— Homem de Deus, vá dizendo  
Onde a dor é mais sentida?  
— Doi-me tudo. Estou sofrendo  
Toda a noite, todo o dia.

— Posso dizer que já sei  
A causa do seu mal-estar.  
— Diga doutor! Eu farei  
Tudo para me curar.

— Nunca mais pode beber  
Água pura ou misturada.  
— Ai doutor como vai ser  
Minha vida torturada...

— Se vai à vila, não beba  
A mistura do verdinho.  
— O doutor! E nem que seja  
Um copo do puro vinho?

— Desse sim, também queria  
Encontrá-lo, mas em vão.  
O vinho aqui (quem diria?)  
Tem baptismo de cristão.

Algures, 9-VIII-956.

ANSILO

# PRADO

(Continuação da 3.ª página)

três meses entre nós, regressou ao Brasil a Ex.ma Sr.a D. Regina Evangelista de Oliveira, virtuosa esposa de sr. Alberto Soeiro de Oliveira.

—Encontra-se na sua casa da Ficoa a sr.a D. Amélia Loureço, estremecida irmã do sr. Chefé Martins Lourenço.

—Em gozo de merecidas férias, também se encontra na «Quinta da Serra», no convívio de seus queridos avós o gentil menino Filinto Elísio Gorz Pinheiro de Almeida, do Por

—Igualmente estão nesta frequência o nosso prezado amigo e assinante sr. Evaristo José Domingues e sua esposa, sr.a D. Maria das Dores Rodrigues Domingues, ele soldado da G. F. em Alcochete e ela professora de ensino primário na mesma localidade.

—Na companhia de suas filhas e seu genro, foi em passeio de digressão, tendo visitado Fátima e outras localidades, a sr.a D. Beatriz Mendes Pinto, cujo passeio regressaram com as melhores impressões.

—Também em passeio de digressão a Fátima, Lisboa e outras terras, saíram daqui, no pretérito dia 7, a sr.a D. Amália da Cunha Sotto Major Martins

Rodrigues, sua sobrinha, a menina Teresa da Cunha Sotto Major Martins Moreira, e as meninas Alice Lopes Salgado e Sára Esteves Gonçalves.

—Com sua esposa, sr.a D. Flaviana dos Anjos Soares Moreira, está para Lisboa o nosso estimado assinante e conhecido motorista sr. José Simplicio Moreira (Pelela).

Devem regressar amanhã com seu sobrinho António Bernardino da Silva Camanho de Carvalho.

—Para assistir à nossa festa maior, deslocou-se a esta frequência o nosso prezado amigo e assinante sr. António Perfeito Gomes, benquista comerciante em Lisboa, o qual se fez acompanhar da sua senhora, D. Sabina Aleixo Soares, e pelos sr.s Jume Costa, funcionário superior da Companhia de Seguros «Fidelidade», e Orlando Alves, empregado de escritório, e respectivas esposas, sr.as D. Esmeralda Alves da Costa e D. Guilhermina Alves. Durante a sua curta estadia entre nós, visitaram S. Gregório, Penada, Castro Laboreiro e outros pontos pitorescos do concelho, levando de todos eles agradáveis e indelévels impressões.

—Pelo mesmo motivo, também

Com pedido de publicação feito pelo Sr. Governador Civil, gostosamente publicamos o seguinte

## EDITAL

Alberto dos Reis Faria, Engenheiro Civil e Governador Civil do Distrito de Viana do Castelo, foço saber que:

Tendo sido declarados vários focos de mixomatose — doença contagiosa dos coelhos — no concelho de Viana do Castelo:

Considerando que esta doença ameaça alastrar a todo o Distrito, dado o seu carácter altamente contagioso, pelo que urge pôr em prática as medidas de policia sanitária adequadas;

No exercício das atribuições e poderes que me confere o art.º 5.º da Portaria n.º 15.709, publicada no Diário do Governo, n.º 21, I Série de 28 de Janeiro do ano de 1956, hei por bem determinar o seguinte

1.º — São desde já considerados inficionados de mixomatose todos os coelhos do distrito de Viana do Castelo.

### Dr. Clemente Ramos

Em visita aos centros de Adoração Nocturna no Lar, percorreu todo o nosso concelho, regressando a Paredes de Coura, o nosso estimado amigo, sr. Dr. Clemente Ramos.

### Rouças, 10

Com a classificação de 14 valores, foi aprovado no exame de admissão ao Seminário, o menino Rui, de Cavaleiros.

—No dia 7, a casa do nosso amigo sr. Duarte, da Vinha da Cima, ardeu totalmente, parece que devido ao descuido com o fogo.

Acudiu muita gente de Rouças, S. Paio, e todo o pessoal da estrada. Foi o que valeu, aliás todas aquelas casas seriam inutilizadas.

Também aqui esteve o Senhor Engenheiro, Costa, de Monção, muito digno administrador dos Serviços Florestais, que ajudou muito e dirigiu os serviços de extracção de incêndio.

—Nos exames de admissão ao liceu, ficaram aprovados as meninas Maria do Rosário Salgado Vaz, Palmira Fernandes; Fernanda Vaz e o menino, Manuel José da Costa. A todos os nossos parabéns.

—A nossa igreja paroquial tem agora dez bancos novos, para comodidade dos fiéis e um guarda-vento, que muito a vero beneficiar. Gastaram-se acima de quatro mil esdudos

—Foi baptizado, no dia 18, menino, filho de Manuel Domingues e de Puresa de Araújo, da Eira.

estão entre nós os sr.s Orlando Camanho de Carvalho Esteves, empregado comercial em Lisboa, e Adriano Augusto Gomes, de Ourense, Espanha. = C.

2.º — Os proprietários ou responsáveis pelos coelhos atacados ou suspeitos de mixomatose são obrigados a fazer a declaração desta ocorrência ao veterinário municipal do respectivo concelho. Não havendo veterinário municipal a declaração deverá ser feita na Câmara Municipal.

3.º — São também obrigados a fazer a declaração referida no artigo anterior os médicos veterinários que, no exercício das suas funções oficiais ou de clinica particular, verificarem qualquer caso de mixomatose.

4.º — Os lugares inficionados e suspeitos serão assinalados, para os efeitos deste Edital, com o distico «Região Infectada Pela Mixomatose, (doença contagiosa do coelho e da lebre)».

### Notas à margem

(Continuação da 1.ª pág.)

canta dá a ideia de estar só. O público parece estar ali, a mais. O cantor ou cantora, não canta para os outros, mas ele ou ela vive, sente como suas a terra e a música.

Por tudo isto, somos levados a considerar o Fado um documento valioso que atesta a riqueza sentimental da alma do nosso povo. Não está a prová-lo a nossa saudade, a saudade portuguesa?

E' esta uma verdade que os estrangeiros reconhecem.

Não há muito que uma Poetisa inglesa publicando um livro de versos, lhe pôs este titulo sugestivo: «Sonetos de uma Portuguesa» e Tirso de Molina, o espanhol mais enamorado das coisas de Portugal, querendo exprimir um delicado sentimento de alma, escreveu: «tengo los ojos finos e portuguesa el alma».

O Fado tem, porisso o seu valor, a sua importância.

Resta, porém, uma pergunta: porque razão é tão detestado por certa gente culta?

Entendo que o motivo não está na música, mas sim na composição poética.

Faço esta afirmação por experiência própria. Se me tenho oposto muitas vezes ao Fado é por causa de certas letras que por si correm e que deixam muito a desejar. Creio ser este o seu maior defeito. Quantos fados cantados por aí além, de música mais ou menos agradável, mas cuja letra é de uma pobreza de inspiração e até de uma certa insensatez lamentáveis. Compreende-se, porisso, que os estrangeiros se entusiasmem com ele; apreciam a música, mas, porque desconhecem a lingua, não podem avaliar a beleza da composição poética.

A. Domingues

5.º — E' proibida a entrada ou saída da região declarada inficionada de coelhos e lebres, vivos ou mortos, ou dos seus produtos e despojos.

6.º — E' igualmente proibido o trânsito, venda, permuta ou alienação dos coelhos e lebres, vivos ou mortos, na região declarada inficionada, bem como das peles e do pelo.

7.º — E' ainda proibido remover dos locais inficionados as camas e objectos usados no tratamento dos animais ali sequestrados, salvando as primeiras ser destruídas pelo fogo e os segundos queimados ou convenientemente desinfectados.

8.º — E' vedada a entrada, nos locais inficionados, a toda e qualquer pessoa que não tenha a seu cargo a guarda, penso ou trato dos animais neles sequestrados.

9.º — E' obrigatório o sequestro dos cães e dos gatos que se encontrem na exploração infectada.

10.º — E' obrigatória a defesa contra insectos das coelheiras infectadas pela colocação de rede de malha apertada ou qualquer outro dispositivo considerado eficiente.

11.º — Todos os animais atacados de mixomatose, ou suspeitos de o estarem por terem contactado com animais doentes, deverão ser prontamente abatidos.

12.º — Os animais mortos ou abatidos serão obrigatoriamente destruídos pelo fogo ou enterrados a 1 metro de profundidade, pelo menos, entre 2 camadas de cal, por forma a não poderem ser desenterrados pelos cães e outros animais selvagens. A esfolia para aproveitamento das peles está rigorosamente proibida.

13.º — Além das coelheiras infectadas, deverão ser repetidamente desinfectados todos os objectos de uso dos animais doentes ou que por eles tenham sido conspurcados, bem como os objectos, embalagens e veículos utilizados no seu transporte, e dum modo geral todos os objectos que possam constituir perigo de contágio.

Para tanto, poderão ser utilizados qualquer dos seguintes desinfectantes:

- Solúo de formol a 3.º lo;
- Soluto de soda cáustica a 1 a 3.º lo;
- Os sais quartenários de amónio e
- Creolina a 3.º lo.

14.º — Compete aos proprietários ou responsáveis pelos coelhos atacados ou suspeitos de mixomatose proceder à aplicação de insecticidas de contacto, nos recintos reservados à instalação daqueles animais, como medida de combate aos insectos vectores da doença.

15.º — Só é permitida a utilização de vacinas contra a mixomatose produzidas pelo Laboratório Central de Patologia Veterinária ou por este Laboratório distribuídas.

16.º — Nos termos do art.º 12.º da Portaria n.º 15.709, é determinada a vacinação obrigatória dos coelhos domésticos em todos os concelhos do distrito de Viana do Castelo.

17.º — Os infractores de qualquer dos preceitos deste Edital incorrem na pena aplicável ao crime de desobediência, sem prejuizo das sanções previstas nos termos do art.º 14.º do Decreto-Lei n.º 39.209, de 14 de Maio de 1955.

Este edital entra imediatamente em vigor, cumprindo a todas as autoridades velar pela observância das determinações nele contidas e promover o seu eficaz cumprimento e rigorosa fiscalização.

Governo Civil de Viana do Castelo, 14 de Julho de 1956.